

A formação política de João Silvério Trevisan

Vinícius Potrich de Souza Macedo Gonçalves

Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História
Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ)

Resumo

O artigo, resultado de uma pesquisa de mestrado, apresenta as constatações obtidas acerca da análise da trajetória de formação política e subjetiva do intelectual, escritor e ativista João Silvério Trevisan. Nascido em Ribeirão Bonito (SP) em 1944, Trevisan é um dos pioneiros do movimento homossexual no Brasil. Tendo fundado o jornal *Lampião da Esquina* e o grupo de ativismo homossexual *Somos*, Trevisan pertence a uma geração de militantes que impactou a história política e social do Brasil. A partir de uma perspectiva sensível à dimensão individual da experiência histórica, destacam-se, neste artigo, três momentos fundamentais da formação política de Trevisan: a infância marcada pela rejeição paterna e pela negação do meio; a adolescência no seminário, onde, entre tensões espirituais e descobertas artísticas, germinam os primeiros traços de autonomia e pensamento crítico; e, por fim, o período pós-seminário, marcado pelo processo de ruptura com a Igreja e com os preceitos políticos hegemônicos de seu tempo, e pelo contato com as novas ideias que manteve durante um exílio motivado pela censura que seu filme, *Orgia ou o homem que deu cria* (1970), sofreu da ditadura militar.

Palavras-chave João Silvério Trevisan – Trajetória de vida – Movimento Homossexual Brasileiro – História LGBTQIA+.

Submissão

14/07/2024

Aprovação

05/03/2025

Publicação

08/10/2025

The political formation of João Silvério Trevisan

Abstract

The article, the result of a master's research, presents the findings regarding the analysis of the political and subjective formation trajectory of the intellectual, writer, and activist João Silvério Trevisan. Born in Ribeirão Bonito (SP) in 1944, Trevisan is one of the pioneers of the homosexual movement in Brazil. Having founded the newspaper *Lampião da Esquina* and the homosexual activism group *Somos*, Trevisan belongs to a generation of activists who impacted Brazil's political and social history. From a perspective sensitive to the individual dimension of historical experience, this article highlights three fundamental moments in Trevisan's political formation: his childhood marked by paternal rejection and denial of his environment; his adolescence in the seminary, where, amidst spiritual tensions and artistic discoveries, the first traces of autonomy and critical thinking emerged; and, finally, the post-seminary period, marked by a rupture with the Church and the hegemonic political precepts of his time, as well as by contact with new ideas he maintained during an exile prompted by the censorship his film *Orgia ou o homem que deu cria* (1970), suffered under the military dictatorship.

Keywords João Silvério Trevisan – Life trajectory – Brazilian Homosexual Movement – LGBTQIA+ History.

La formación política de João Silvério Trevisan

Resumen

El artículo, resultado de una investigación de maestría, presenta las constataciones obtenidas acerca del análisis de la trayectoria de formación política y subjetiva del intelectual, escritor y activista João Silvério Trevisan. Nacido en Ribeirão Bonito (SP) en 1944, Trevisan es uno de los pioneros del movimiento homosexual en Brasil. Habiendo fundado el periódico *Lampião da Esquina* y el grupo de activismo homosexual *Somos*, Trevisan pertenece a una generación de militantes que impactó la historia política y social de Brasil. Desde una perspectiva sensible a la dimensión individual de la experiencia histórica, se destacan en este artículo tres momentos fundamentales de la formación política de Trevisan: la infancia marcada por el rechazo paterno y la negación del entorno; la adolescencia en el seminario, donde, entre tensiones espirituales y descubrimientos artísticos, germinaron los primeros rasgos de autonomía y pensamiento crítico; y, por último, el período posterior al seminario, marcado por la ruptura con la Iglesia y con los preceptos políticos hegemónicos de su tiempo, así como por el contacto con nuevas ideas que mantuvo durante un exilio motivado por la censura que su película *Orgia ou o homem que deu cria* (1970), sufrió bajo la dictadura militar.

Palabras clave João Silvério Trevisan – Trayectoria de la vida – Movimiento Homosexual Brasileño – Historia LGBTQIA+.

Introdução

É impossível falar do Movimento LGBTQIA+ brasileiro sem mencionar o intelectual, escritor e ativista João Silvério Trevisan. Assim como muitos, cada um merecedor de um trabalho próprio e detalhado, Trevisan pertence a uma geração de militantes que, durante as décadas de 1960, 1970 e 1980, impactaram a história política e social do Brasil. Sendo um dos pioneiros do movimento homossexual no país, os ecos da luta de Trevisan ecoam, direta e indiretamente, na atualidade..

Este artigo é resultado da pesquisa que originou, principalmente, o primeiro capítulo da dissertação de mestrado *A resistência do vaga-lume: Vida, ativismo e pensamento político de João Silvério Trevisan* (2025),¹ intitulado *A formação*. Objetivamos, com este texto, expor resumidamente a trajetória pessoal de Trevisan que antecedeu à sua atuação no então chamado Movimento Homossexual Brasileiro, surgido no Brasil no final da década de 1970. Trazemos também uma análise acerca dessas experiências de vida, na tentativa de compreender as razões que colaboraram para a formação do pensamento político de Trevisan e, conseqüentemente, para que se tornasse um ativista pioneiro do movimento LGBTQIA+ no Brasil. Construímos este artigo com base no mapeamento de diversas fontes biográficas de João Silvério Trevisan, criando uma narrativa biográfica breve e introdutória que visa apresentar a vida do ativista, sobretudo ao leitor ou pesquisador que ainda não obteve acesso ao mais denso conteúdo das outras fontes, sendo elas: duas entrevistas oferecidas ao Memorial da Resistência de São Paulo,² uma entrevista oferecida a esta pesquisa³ e a autobiografia *Pai, Pai* (2017).⁴

Compreendemos que, em geral, há uma construção narrativa linear neste texto. Essa característica resulta da nossa proposta, mas também como resultado do próprio

1 GONÇALVES, V. *A resistência do vaga-lume: Vida, ativismo e pensamento político de João Silvério Trevisan. Dissertação* (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História Social da UFRJ, Rio de Janeiro, 2025.

2 TREVISAN, J. S. Entrevista concedida a GIANDALIA, L; AZEVEDO, D. São Paulo, 6 out. 2016. Transcrição, Memorial da Resistência de São Paulo. TREVISAN, J. S.; KASS, H. Entrevista concedida a GRUPO CONTRAFILÉ (MUSSI, J. Z; LUCENA, C; LEONA, R). São Paulo, 5 out. 2019. Transcrição, Memorial da Resistência de São Paulo.

3 TREVISAN, J. S. Entrevista concedida a GONÇALVES, V. Entrevista por videoconferência via Zoom, Rio de Janeiro, 8 jan. 2025. Transcrição, acervo do Núcleo de História Oral e Memória do Laboratório de Estudos do Tempo Presente (TEMPO/UFRJ).

4 TREVISAN, J. S. *Pai, Pai*. 1. ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.

processo de escrita biográfica. O sociólogo Pierre Bourdieu⁵ já nos alertava para a “ilusão biográfica” dessas narrativas, que induzem o entendimento de uma trajetória de vida como uma sucessão de causas e efeitos, apesar das aleatoriedades da realidade, perdidas e não registradas na construção retórica da narrativa. Isso está presente nas próprias fontes autobiográficas, por sinal. Construídas pela mobilização da memória, muitas dessas fontes surgem a partir do registro de testemunhos que desejam ser inteligíveis para os outros, acarretando a necessidade de se traçar uma ordem aos fatos e, por vezes, uma relação de causa e consequência das experiências de vida e da formação individual. Não nos interessa a ingênua busca por uma verdade universal nas fontes, como se o discurso linear bastasse por si só, excluindo a complexidade da vida, conforme exposto por Bourdieu. Reiteramos o caráter introdutório que esta pesquisa oferece ao leitor, sendo o que será visto apenas uma faceta de uma trajetória muito mais diversa, incompreensível, às vezes e em partes, pelo próprio indivíduo que a viveu.

Acreditamos que o papel da biografia na História é a compreensão do indivíduo a partir de si mesmo, como reforçado pela historiadora Angela de Castro Gomes ao trabalhar com a ideia de verdade como sinceridade. Ela afirma que a riqueza da fonte biográfica está na verdade que o indivíduo carrega consigo:

O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro feito e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento.⁶

Tenhamos, então, a narrativa construída neste trabalho como um reflexo das experiências de João Silvério Trevisan e da maneira como ele dialogava com seu tempo. Trata-se de outro ponto importante da análise biográfica, desta vez exposto por Giovanni Levi,⁷ que afirmava a capacidade da trajetória de vida em dizer algo sua conjuntura. Às vezes mobilizada como exceção à regra, às vezes como exemplo dela, a afirmação ou negação sempre dialogam com um tempo e espaço, mesmo que, claro, todo indivíduo tenda a gozar de liberdades de agência.

5 BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M; AMADO, J. (org.). *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

6 GOMES, A. C. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: *Escrita de Si, Escrita da História*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

7 LEVI, G. Usos da biografia. In: FERREIRA, M. M; AMADO, J. (org.). *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

Neste texto, propomos primeiramente uma breve exposição sobre a trajetória histórica do movimento político de Trevisan: dos seus antecedentes, na Europa do século XIX, aos desdobramentos que deram origem no Brasil o chamado movimento homossexual.⁸ Depois, trataremos mais a fundo o objetivo de nossa análise: percorrer um período de vida que consideramos formativo para a consolidação do pensamento político de João Silvério Trevisan. Uma trajetória que se estende da infância ao seu retorno ao Brasil – após um autoexílio durante a Ditadura Militar – em 1976, poucos anos antes de iniciar sua militância no Movimento Homossexual Brasileiro.

Uma breve trajetória do movimento homossexual: do século XIX à João Silvério Trevisan

Em *Movimento LGBTI+: Uma breve história do século XIX aos nossos dias* (2022),⁹ Renan Quinalha, professor de direito e pesquisador da História LGBTQIA+ brasileira, elabora de forma elucidativa e ancorando-se em autores de referência uma discussão acerca da formação e do desenvolvimento do que ficou conhecido como Movimento LGBTQIA+.¹⁰ Nesta obra, Quinalha traz reflexões que nos ajudam a compreender o fenômeno da formação da homossexualidade como uma identidade, fato essencial para que, posteriormente, surgisse um movimento político homossexual. As raízes da identidade homossexual, como a compreendemos na contemporaneidade, remontam ao século XIX, mais precisamente à sua segunda metade, quando, na esteira do cientificismo e positivismo então em voga, desenvolveu-se no Ocidente um campo médico com o objetivo de identificar indivíduos que se relacionavam afetiva e sexualmente com pessoas do mesmo sexo. Por meio da medicina, estudiosos tentavam decifrar as razões pelas quais esses indivíduos possuíam esses desejos, ao passo que os categorizava como desviantes das normas. Quinalha mostra que, entre muitos termos, é neste contexto que a palavra homossexual é usada pela primeira vez para identificar essas pessoas. Também, com a categorização de um desvio, postula-se uma norma, e a ideia de heterossexual surge como consequência.

8 Até o período analisado pela pesquisa, a década de 1970, essa era a expressão utilizada. Posteriormente, sobretudo a partir da década de 1990, que novas discussões e reivindicações foram incorporadas pelo movimento, como as pautas de bissexuais, transsexuais e travestis, dando origem ao atual movimento LGBTQIA+.

9 QUINALHA, R. *Movimento LGBTI+: Uma breve história do século XIX aos nossos dias*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

10 Como mostrado no título do livro, Quinalha opta pelo uso da sigla LGBTI+.

A identificação de indivíduos que se relacionavam com outros do mesmo sexo existia previamente à criação da categoria homossexual. Basta lembrarmos, por exemplo, das investidas da Inquisição contra a prática da chamada sodomia, feita por aqueles identificados como sodomitas.¹¹ Entretanto, a compreensão de homossexual própria do discurso médico-científico trouxe consigo a ideia de que essa categoria pertencia ao universo da natureza humana: seja isto um desvio passível de cura, ou uma característica essencial de alguns, a homossexualidade nada diz respeito ao “sobrenatural”. Foucault, no clássico *História da Sexualidade*, analisa bem essa passagem da homossexualidade, do campo próprio da fé e da religiosidade para o campo científico, da psique e da condição humana.¹² Ao habitar o universo religioso, a homossexualidade se torna refém de dogmas que a associam ao pecado e, por ser um dogma, é inquestionável. Porém, no universo da ciência, mesmo que o discurso médico ataque a homossexualidade e a caracterize como desvio de uma norma, há a possibilidade de, com as mesmas ferramentas científicas, construir um discurso capaz de associar a homossexualidade à normalidade, tais quais outras formas de expressão da sexualidade humana. Esta deixa foi essencial para que fosse desenvolvida uma identidade de autoafirmação e, por conseguinte, para a mobilização política desses que passaram a se ver como homossexuais, como já afirmado.

E foi no século XIX, sobretudo na Alemanha, que surgiu o que Quinalha identifica como um “protoativismo”: as primeiras iniciativas voltadas à luta por uma melhor aceitação e qualidade de vida dos homossexuais. Inicialmente, o campo científico foi o palco dessas mobilizações, com especialistas e estudiosos que buscavam, por meio de argumentos científicos, justificar e mostrar a normalidade da homossexualidade, reivindicando sempre a aceitação do grupo que a praticava. Todavia, a resistência da comunidade acadêmica e da sociedade como um todo, permanecia perante a estas reivindicações, haja vista a tradição religiosa avessa à homossexualidade que persistia no imaginário social e a moral patriarcal vigente. Por essa razão, assim como a homossexualidade se consolidou como uma identidade ao longo do final do século XIX e da primeira metade do século XX, novas formas de mobilizações políticas surgiram no Ocidente como formas de resistência à opressão e ao preconceito.

Apesar de a Alemanha ter sido o principal palco do chamado protoativismo, foi nos Estados Unidos que surgiram as primeiras iniciativas políticas que não

11 TREVISAN, J. S. *Devassos no Paraíso: A Homossexualidade no Brasil da Colônia à Atualidade*. 4. ed. rev. atual. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018, p. 117-152.

12 FOUCAULT, M. *Scientia sexualis*. In: *História da sexualidade: A vontade de saber*. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014, p. 29-84.

propriamente se associavam propriamente a uma luta médico-científica. Essas iniciativas eram realizadas por grupos que, entre suas primeiras bandeiras, defendiam o fim da discriminação no trabalho e buscavam, de maneira pacífica, mostrar à sociedade que os homossexuais eram iguais a qualquer um, capazes de exercer as mesmas funções e possuíam os mesmos atributos que os heterossexuais. Tratava-se de um movimento que almejava a inclusão e a aceitação do restante do corpo social. Cabe destacar que, como frisado por Quinalha, esses ativistas optavam pelo termo homófilo em vez de homossexual, pois este pressupunha um discurso inserido nos debates sobre sexualidade, assunto considerado delicado e sensível. Em outras palavras, optava-se por destacar o aspecto social ao sexual.

Assim como ocorria na Europa, aumentava o número de espaços de sociabilidade homossexual nos Estados Unidos, com destaque para os bares. Foi, inclusive, em um bar que ocorreu um evento paradigmático para a História LGBTQIA+. Em junho de 1969, no bar Stonewall Inn, após recorrentes investidas policiais de assédio e violência aos frequentadores do bar, em sua maioria homossexuais e transsexuais,¹³ os fregueses reagiram a uma dessas batidas policiais, em um confronto que resultou em rebeliões que se prolongaram por dias. Quinalha analisa a memória construída em torno do que ficou conhecido como a Rebelião de Stonewall, que associa a este evento o marco inicial do Movimento Homossexual. Sabe-se que Stonewall não foi a primeira revolta organizada por homossexuais, mas o evento, de fato, serve como um marco para o início de inúmeras iniciativas políticas homossexuais ao redor dos Estados Unidos e no mundo. O grande ponto desta nova fase da trajetória das mobilizações homossexuais é o caráter mais ofensivo assumido pelo movimento. Na esteira da contracultura que tomou a década de 1960 e fortemente influenciado pela luta feminista e da comunidade negra, o movimento homossexual, em parte significativa, não pautava sua agenda em uma tentativa de se encaixar às normas ou na busca da validação da sociedade heteronormativa, mas se ancorava na sua diferença, na defesa do “amor livre” e no combate aos padrões impostos e aos modelos das famílias burguesas tradicionais.

Porém, seus ecos não foram imediatos no Brasil, pois, na passagem da década de 1960 para a década de 1970, o país enfrentava os anos mais violentos da Ditadura Militar, o que dificultou o desenvolvimento de atuações progressistas. Antes do golpe,

13 Quanto aos fregueses do Stonewall Inn, Quinalha destaca: “O público cativo do bar eram os setores mais marginalizados da sociedade: gays afeminados, lésbicas masculinizadas, michês, drags (uma classificação adotada à época sobretudo para designar pessoas trans), pessoas em situação de rua, enfim, LGBTI+ pobres, negras e latinas que pertenciam a um ‘submundo’ e que, por isso, não gozavam de reconhecimento como cidadãs” (QUINALHA, R. *Movimento LGBTI+: Uma breve história do século XIX aos nossos dias*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022).

o país já contava com uma vida homossexual ativa e pulsante, ainda que marginal. Como mostrado pelo historiador James N. Green em *Além do carnaval: homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, iniciativas como os jornais *O Snob* e *Gente Gay* já expõem a construção da ideia de homossexualidade como um elemento de união para formação de uma comunidade.¹⁴ Porém, embora iniciativas como *O Snob* e *Gente Gay* possam ser vistas como expressões pela própria existência, suas motivações não tinham como objetivo principal, necessariamente, a mudança social e a garantia de direitos.

As primeiras experiências que podem ser vistas como passos iniciais para a construção de um movimento homossexual propriamente dito no Brasil remontam à segunda metade da década de 1970, quando foi iniciada na Ditadura Militar uma abertura política. A abertura, o retorno dos exilados e as próprias mudanças sociais internas propiciaram o desenvolvimento de novas ideias progressistas que não necessariamente pertenciam às discussões de classe e que abordavam questões ambientais, feministas, antirracistas e homossexuais. Este é o panorama do início da atuação política do intelectual, cineasta, escritor, dramaturgo e ativista João Silvério Trevisan, figura central para o nascimento do Movimento Homossexual Brasileiro (MHB), sobretudo pela colaboração que teve na criação das duas iniciativas que marcam o surgimento do MHB: o jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981) e o Grupo *Somos de Afirmação Homossexual* (1978-1983), ambos fundados em 1978.

O *Lampião da Esquina* é considerado o primeiro grande jornal direcionado ao público homossexual no Brasil, pois, diferente de jornais semelhantes que existiram até então, o *Lampião* possuía uma proposta mais politizada, de discutir questões relacionadas à opressão e à luta dos grupos marginalizados, como mulheres, negros, indígenas e, sobretudo, homossexuais. O jornal se diferenciava por ter sido comercialmente mais bem-sucedido e por ter alcançado diversas localidades do Brasil devido à sua grande tiragem.¹⁵ João Silvério Trevisan foi um dos 11 membros fundadores e participou do jornal até seu fim, em 1981. No periódico, foi o principal representante do corpo editorial paulista — a sede do *Lampião* estava no Rio de Janeiro — e destacou-se pelos textos de viés anarquista e críticos à esquerda ortodoxa.

Também foi um dos fundadores do grupo paulistano *Somos*, o primeiro grupo de ativismo homossexual no país. Ao longo de seus cinco anos de existência, passou por diversas fases. Inicialmente, a feição do grupo era moldada pelas características do gay

14 PÉRET, F. *Imprensa gay no Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2011, p. 49-51.

15 GREEN, J. N. *Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Editora Unesp, 2022, p. 265-342, 405-464.

consciousness raising group (Grupo de Autoconscientização Homossexual) estadunidense, cujo objetivo, fortemente influenciado pela luta feminista, visava à autodescoberta coletiva dos aspectos individuais da vivência como homossexuais, construindo assim uma identidade como um grupo social.¹⁶ Com o tempo, o Somos assumiu novas feições, dedicando-se também à ação externa, aos atos públicos, à atuação conjunta com grupos ligados à esquerda mais tradicional e à organização grupal seguindo moldes semelhantes aos desses grupos.¹⁷ Após sua atuante e central participação no Somos, Trevisan desligou-se do grupo em 1980 por divergências políticas ligadas ao fato do Somos ter sido supostamente influenciado pelo grupo de esquerda Convergência Socialista, desviando-se de sua essência autônoma e de tendências anárquicas, características que Trevisan considerava indispensáveis.¹⁸ O Somos encerrou suas atividades em meados da década de 1980, período que marca o fim deste ciclo inicial do ativismo homossexual no país.¹⁹

Após o fim dos grupos, Trevisan dedicou-se à carreira como escritor, ofício que ocupa há quase 50 anos e pelo qual chegou a ser premiado com três prêmios Jabuti. Entre seus livros, podemos citar: os romances, *O Livro do Averso* (1992),²⁰ *Ana em Veneza* (1994)²¹ e *O Rei do Cheiro* (2009),²² o livro de contos *Troços e Destroços* (1997),²³ os ensaios *Devassos no Paraíso* (1986)²⁴ e *Seis Balas Num Buraco Só* (1998)²⁵ e as autobiografias *Pai, Pai* (2017)²⁶ e *Meu Irmão, Eu Mesmo* (1923).²⁷

16 TREVISAN, J. S. *Devassos no Paraíso: A Homossexualidade no Brasil da Colônia à Atualidade*. 4. ed. rev. atual. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018, p. 318.

17 TREVISAN, J. S. *Devassos no Paraíso: A Homossexualidade no Brasil da Colônia à Atualidade*. 4. ed. rev. atual. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018, p. 332-333.

18 TREVISAN, J. S. *Entrevista sobre militância, resistência e repressão durante a ditadura civil-militar*. Memorial da Resistência de São Paulo, entrevista concedida a Luiza Giandalia e Desirée Azevedo em 06/10/2016.

19 QUINALHA, R. *Movimento LGBTQI+: Uma breve história do século XIX aos nossos dias*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022, p. 106-112.

20 TREVISAN, J. S. *O Livro do Averso*. São Paulo: Ars Poetica, 1992.

21 TREVISAN, J. S. *Ana em Veneza*. São Paulo: Best Seller, 1994.

22 TREVISAN, J. S. *O Rei do Cheiro*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

23 TREVISAN, J. S. *Troços e Destroços*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

24 TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. São Paulo: Max Limonad, 1986.

25 TREVISAN, J. S. *Seis Balas Num Buraco Só: a crise no masculino*. São Paulo: Ars Poetica, 1998.

26 TREVISAN, J. S. *Pai, Pai*. 1. ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.

27 TREVISAN, J. S. *Meu irmão, eu mesmo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2023.

João Silvério Trevisan: da infância ao exílio

João Silvério Trevisan nasceu em Ribeirão Bonito, São Paulo, em 1944, filho de pais com ascendência italiana e espanhola. Sua infância foi marcada por um ambiente doméstico violento devido ao alcoolismo de seu pai, que dirigia sua agressividade principalmente ao filho mais velho, Trevisan. Este trauma marcou Trevisan, que refletiu, em sua trajetória e sua arte, a mágoa e a dor de um afeto paterno ausente a um garoto que já se sentia deslocado por não se conformar às normas de gênero da época.

Na adolescência, ao completar 10 anos de idade, Trevisan entrou no Seminário de São Carlos, visando a carreira sacerdotal e buscando escapar da autoridade paterna, mas encontrou um novo tipo de autoritarismo na igreja. Cercado por dogmas católicos e regras rígidas, os primeiros anos foram desafiadores para ele, sobretudo como um jovem homossexual permeado pela culpa e moral cristã que contrapunham às primeiras expressões de sua sexualidade, afloradas na adolescência. No entanto, o seminário passou por mudanças pedagógicas significativas, adotando o Método Montessori,²⁸ que permitiu a Trevisan explorar sua criatividade e liderança, especialmente em projetos artísticos como teatro e cinema. Observa-se, desde já, um incentivo pedagógico para a construção de um indivíduo independente, característica, como veremos, marcante em seu posicionamento político.

Neste período, Trevisan teve contato com a Juventude Operária Católica (JOC) e foi influenciado por ideias progressistas e de justiça social. Ele considera esta experiência como um momento inicial na formação de seu pensamento crítico e de seu envolvimento com a esquerda:

Num casarão em Higienópolis, pertencente à Cúria de São Paulo, acontecia um encontro da JOC (Juventude Operária Católica). (...) Por vários dias, frequentei as reuniões, compartilhei as refeições e participei dos debates. Calado. Apenas apreendia avidamente, como uma esponja virgem. O que eu vivi era inacreditável. Praticava-se ali o amor cristão em larga escala, não apenas no ambiente de fraternidade saborosa mas também nos projetos de justiça social debatidos. Descobri, pela primeira vez, a força da luta coletiva contra a injustiça. Abria-se um horizonte novo em minha vida.²⁹

28 Segundo a pedagoga Magda Suely Pereira Costa, o método montessoriano visa formar um educando consciente da realidade, adquirindo conhecimento de si e de seu meio, razão pela qual Montessori destacava a importância das ferramentas nele presente. Este deve ser autor de sua educação, desenvolvendo autonomia e individualidade para promover respeito mútuo e compreensão das diferenças, base da construção de uma sociedade democrática (COSTA, M. S. Pereira. Maria Montessori e seu método. *Linhas Críticas*, Brasília, v. 7, n. 13, jul./dez. 2001.).

29 TREVISAN, J. S. *Pai, Pai*. 1. ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017, p. 103-104.

As experiências que Trevisan acumulou durante a adolescência contribuíram para a construção de “uma consciência de que (...) a história não é destino. Há uma parte da história que nos leva e uma parte da história que a gente modifica ou tenta modificar”,³⁰ segundo suas próprias palavras. Trata-se de um reflexo de sua aproximação às ideias progressistas de seu tempo, ao humanismo propagado pelas novas abordagens pedagógicas do seminário e à sensibilidade de um indivíduo marcado por uma sexualidade dissidente.

Em 1962, Trevisan foi transferido para um seminário maior em Aparecida do Norte, onde estudou Filosofia. Apesar da rigidez institucional, ele floresceu artisticamente, fundando um cineclube e promovendo festivais de cinema. O crescente conflito entre suas inquietações pessoais e a doutrina católica, particularmente em relação à sua homossexualidade, culminou em sua decisão de deixar o seminário em 1964, antes de iniciar Teologia. Trevisan buscava uma vida que lhe permitisse explorar sua sexualidade livremente e, após sair do seminário, foi morar na cidade de São Paulo. Esta ida ao “outro mundo” representava para ele uma reviravolta nos rumos de sua vida e um aprofundamento na separação irremediável de suas ligações com a Igreja Católica.

Fora do seminário, Trevisan ingressou no grupo de esquerda católica Ação Popular (AP). O grupo apresentava uma agenda crítica ao socialismo soviético e via no maoísmo uma alternativa à esquerda para o direcionamento revolucionário. Por esse motivo, Trevisan passou a se definir como maoísta, assim como tantos de sua geração, ponto bem desenvolvido pela historiadora Maria Paula Nascimento Araujo:

Num outro polo, estavam as teses de Mao Tsé-tung, que valorizavam a construção do sujeito revolucionário não apenas através da política, mas também da cultura e da ideologia. O pensamento de Mao, que se encaixou perfeitamente nos anos 1960-70, valorizava a ação política, voluntarista, fruto da coragem e da disposição de luta dos homens. (...) as novas esquerdas europeias viram em Mao a possibilidade de um marxismo crítico ao socialismo soviético, um caminho alternativo para a revolução socialista e a chance de construção de uma nova sociedade baseada em critérios não-burocráticos. O Mao da Revolução Cultural Chinesa, que valorizava o sujeito não apenas politicamente mas também culturalmente, era importante para os grupos de esquerda dissidentes nas décadas de 1960-70 (...).³¹

30 TREVISAN, J. S. Entrevista sobre militância, resistência e repressão durante a ditadura civil-militar. Memorial da Resistência de São Paulo, entrevista concedida a Luiza Giandalia e Desirée Azevedo em 06/10/2016.

31 ARAUJO, M. P. N. *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2000, p. 106-107.

No entanto, sua passagem pela AP foi breve. Trevisan, neste período, aproximava-se também de ideias anarquistas,³² que dialogavam com seus anseios autonomistas e à sua postura antidogmática, expressa desde a adolescência no seminário. Essas características são a principal causa do descontentamento de Trevisan com a organização, que, para ele, persistia com padrões semelhantes dos grupos mais tradicionais e se iludia em uma convergência entre cristianismo e socialismo, que, a seu ver, era inconcebível.

Em memórias compartilhadas, Trevisan comenta os choques que travava com a esquerda de seu tempo. Em *Pai, Pai*, exemplifica-se esse conflito com uma visita que fez, no período, à Alemanha Oriental, a qual Trevisan definiu como demasiadamente autoritária e militarizada, e a um simbólico evento vivido com colegas comunistas, em que se reuniram para estudar *O Capital*, de Karl Marx. Trevisan relata:

Como o seminário sempre impedira o conhecimento da filosofia marxista, para mim isso implicava alguma empolgação. Mas durou pouco. No primeiro encontro, na primeira página do primeiro volume que líamos em conjunto, levantei uma questão sobre algo que não estava compreendendo. Um dos meus amigos deu um murro na mesa e gritou: “Marx não se discute!”. Eu me levantei e fui embora. Tinha acabado de me confrontar com as raízes religiosas de uma filosofia que se pretendia crítica a todas as formas de religião. Como continuação da crítica ao dogmatismo católico, que eu conhecera muito bem, era natural que me opusesse ao autoritarismo de quem me considerava autoridade – inclusive intelectual. (...) eu recusava sectarismos, viessem de onde viessem. Se a opção conservadora da direita me repugnava como forma de opressão, tão evidente no dogmatismo cristão, a esquerda foi meu último bastião de enfrentamento do autoritarismo – ainda mais danoso porque disfarçado sob a máscara da verdade e da justiça.³³

Como relatado acima, Trevisan demonstrava insatisfação diante de fórmulas ideológicas prontas. O que mais lhe atraía era a possibilidade de dúvida e de construção livre de pensamentos, baseada em concepções autônomas. Foi justamente por isso que se identificou com o anarquismo, enxergando nele um caminho compatível com suas convicções. Sua aproximação com as ideias anarquistas ocorreu quase ao mesmo tempo em que começou a se afastar do socialismo predominante na esquerda brasileira. Para melhor compreendermos sobre a relação entre Trevisan e as ideias anarquistas, primeiramente investiguemos, de modo breve e geral, o que é anarquismo e quais os

32 Para uma análise aprofundada sobre a relação entre o maoísmo e anarquismo no pensamento de João Silvério Trevisan, ver: GONÇALVES, V. As ideias. In: *A resistência do vaga-lume: Vida, ativismo e pensamento político de João Silvério Trevisan*. 2025. *Dissertação* (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História Social da UFRJ, Rio de Janeiro, 2025.

33 TREVISAN, J. S. *Pai, Pai*. 1. ed. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2017, p. 136.

pontos comuns e básicos a todas as tendências desse vasto espectro de movimentos e teorias político-sociais.

Segundo o escritor e estudioso do anarquismo George Woodcock,³⁴ o anarquismo, em geral, constitui-se de um conjunto de ideias de contestação a todas as formas de autoridade, visando sempre a transformação da sociedade. Woodcock afirma que anarquistas mobilizam a revolta, violenta ou não, para construir uma cooperação não governamental de indivíduos livres. Essas cooperações devem ser fluidas, não se estabelecendo como organizações que visam a manutenção de poder, respeitando sempre as liberdades individuais. O indivíduo, por sinal, é compreendido pelo anarquista como um ser social, razão pela qual se une a outros. Desta união, surgem as sociedades que, sem leis e autoridades, devem ser regidas pelo consenso, muitas vezes ancorado nos costumes de um povo, mas aberto às mudanças próprias da passagem do tempo. Frisa-se ainda que, ao postular a primazia do consenso, rechaça-se a ideia de que a vontade de uma maioria possa se sobrepor à de uma minoria, como ocorre em democracias liberais. Anarquistas são defensores ferrenhos da ação direta do indivíduo, o que vai contra a representação política, comum não apenas nas democracias liberais, mas também no modelo revolucionário marxista, pautado em partidos de vanguarda e na ditadura do proletariado. Outra diferença importante entre o marxismo e o anarquismo é que este, diferente daquele, não acredita na imprescindibilidade dos acontecimentos históricos. Para marxistas, o processo revolucionário é irremediável; já, para os anarquistas, a revolução é fruto da vontade dos indivíduos que agem por si mesmos, sem forças exteriores ou leis históricas para mobilizá-los.

De fato, os princípios que nortearam muitas das ações e visões políticas de Trevisan reproduziram ou flertaram com os pontos destacados acima. A sua revolta contra a autoridade paterna, eclesiástica e de segmentos das esquerdas, a sua contestação aos postulados e “dogmas” a eles impostos e a defesa da sua vontade e de sua agência – sem intermédio de forças externas – reforçam essa aproximação de Trevisan com o anarquismo, que, então, representava para ele uma alternativa à esquerda hegemônica de seu tempo, que acusava de ser centralizadora, autoritária e dogmática. Embora as críticas de Trevisan se direcionassem a um espectro amplo das esquerdas, essas características foram, ao menos, reafirmadas pelo sociólogo Marcelo Ridenti no que diz respeito ao segmento que participou da chamada luta armada durante a Ditadura:

Embora nascida em meio ao processo de questionamento, a esquerda armada era muito pouco flexível às contestações a seus pressupostos teóricos. Especialmente a necessidade da

34 WOODCOCK, G. *História das ideias e movimentos anarquistas: Volume 1: A ideia*. Porto Alegre: L&PM, 2023.

luta armada era inquestionável. (...) Segundo Vicente Roig, “fazíamos críticas, mas já em cima de novas certezas, com poucas dúvidas. O grau de questionamento ia até um certo ponto, o processo teve seus limites: criticávamos o Partidão,³⁵ a política convencional, mas a nova esquerda era muito dogmática nas certezas criadas. Nosso fôlego político, teórico, nosso poder de questionamento, tinha-se esgotado ali, a gente não conseguia se questionar”.³⁶

Vemos destacado neste excerto o relato do ex-militante do grupo armado Ala Vermelha (ALA), Vicente Roig, que comenta a rigidez da esquerda armada. Outro relato que reforça esse ponto é o de Jorge Nahas, que foi ligado ao grupo armado Comandos de Libertação Nacional (COLINA). Segundo Nahas:³⁷ “tínhamos uma centralização extrema, rigidez nas questões de disciplina, além de uma concepção muito desenvolvida de quadros revolucionários profissionais (...)”.³⁸

No fim da década de 1960, já crítico dos parâmetros políticos tradicionais e com uma postura claramente libertária, Trevisan iniciou sua breve, mas impactante trajetória no cinema. Ele dirigiu dois filmes, sendo o primeiro *Contestação* (1969),³⁹ uma obra clandestina e de autoria até então não identificada. *Contestação* é um curta-metragem composto pela repetição de imagens e vídeos aleatórios que retratam o cenário político do período, como registros de protestos, líderes mundiais e manchetes jornalísticas. Entre as imagens, forma-se uma frase cuja autoria Trevisan atribui a Mao Tse-Tung, idealizador do maoísmo: “É preciso atrever-se a falar, agir, pensar, ser temerário, e não intimidar-se (sic) com os grandes nomes nem autoridades”. A frase, então, era traduzida para sete línguas, e o filme finalizava com a seguinte dedicatória: “homenagem àqueles que no meu país e no mundo lutam para que o poder pertença igualmente a todos, e são por isso perseguidos, torturados e assassinados, este filme foi realizado por causa deles”.⁴⁰ Sobre essa obra, Trevisan rememora em testemunho oferecido ao Memorial da Resistência de São Paulo: “(...) eu fiz um filme anônimo, clandestino, mas era um filme

35 Partido Comunista Brasileiro (PCB), partido do qual diversas organizações de luta armada se desmembraram a partir da década de 1960.

36 RIDENTI, M. *O fantasma da revolução brasileira*. 2. ed. rev. e aum. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 57.

37 Trechos do testemunho de Nahas, assim como o de Vicente Roig, estão presentes na importante obra sobre a história das esquerdas brasileiras: *O fantasma da revolução brasileira*, de Marcelo Ridenti.

38 Nahas apud RIDENTI, M. *O fantasma da revolução brasileira*. 2. ed. rev. e aum. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 40.

39 *CONTESTAÇÃO*. Direção: João Silvério Trevisan. 1969. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u49yR8m13oU>. Acesso em: 11 fev. 2024.

40 *CONTESTAÇÃO*. Direção: João Silvério Trevisan. 1969. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u49yR8m13oU>. Acesso em: 11 fev. 2024.

de viés totalmente anarquista, a partir de uma frase do Mao Tsé-Tung, que pra mim era totalmente anárquica”.⁴¹

Sua segunda atuação como cineasta foi como roteirista e diretor do longa-metragem *Orgia e o homem que deu cria* (1970),⁴² representante do chamado Cinema Marginal, um grupo de filmes que, embora não tenham se organizado em um movimento cinematográfico propriamente dito, marcou o Cinema nacional durante as décadas de 1960 e 1970. O Cinema Marginal se desenvolveu principalmente a partir de produtoras que se estabeleceram na região da “Boca do Lixo”, localidade decadente da cidade de São Paulo. Pode-se definir o Cinema Marginal, a partir das análises dos estudiosos sobre o tema Fernão Ramos⁴³ e Laurent Desbois,⁴⁴ como um conjunto de expressões cinematográficas subversivas que, em sua essência, buscavam retratar a “margem” a partir de si. Por essa razão, o escatológico, o grotesco, o kitsch e o camp eram elementos presentes nesses filmes. Ora mercadológico (mesmo que ironicamente), ora experimental, o Cinema Marginal constantemente seguia um sentido oposto ao bem-conceituado movimento do Cinema Novo.

Apesar de admirar o Cinema Novo, Trevisan era crítico quanto ao seu caráter intelectualizado, no que diz respeito à sua capacidade de diálogo com a audiência. O Cinema Marginal era um ambiente no qual suas ideias libertárias se materializavam melhor. Nascia, então, *Orgia*: um filme abstrato, complexo, escrachado e, em certos momentos, profundamente pessoal. O longa conta a história de um cangaceiro que, após matar o pai alcoólatra, segue uma jornada em companhia de personagens que surgem ao longo do caminho, como intelectuais que falam línguas indecifráveis, uma travesti fantasiada de Carmen Miranda, um rei negro cadeirante, indígenas canibais e um cangaceiro grávido. Trata-se de alegorias que criticam as elites intelectuais e políticas de seu tempo, a moral conservadora, os padrões de gênero e sexualidade, e até o Cinema Novo.

41 TREVISAN, J.S. *Entrevista sobre militância, resistência e repressão durante a ditadura civil-militar*. Memorial da Resistência de São Paulo, entrevista concedida a Luiza Giandalia e Desirée Azevedo em 06/10/2016.

42 *ORGIA OU O HOMEM QUE DEU CRIA*. Direção: João Silvério Trevisan. 1970. Cópia digital.

43 RAMOS, F. *Cinema Marginal (1968-1973)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

44 DESBOIS, L. *A odisseia do cinema brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Após análise da censura, que identificou o material como contrário a moral, foram exigidos cortes que Trevisan se recusou a fazer. O filme, portanto, não pôde entrar em circuito comercial, acarretando perdas econômicas. Essa situação de dificuldades financeiras e de incômodo com a realidade política da ditadura militar, que o havia censurado, colaborou para que Trevisan decidisse se exilar,⁴⁵ em ato voluntário, do país. No início de 1973, Trevisan saiu do Brasil e permaneceu no exterior por três anos, sendo os primeiros seis meses viajando por diversos países latino-americanos e o restante entre os Estados Unidos e o México.

Durante seu percurso de seis meses pela América Latina, Trevisan passou por nove países, em um trajeto que iniciou na América do Sul e “subiu” em direção à América do Norte, tendo como destino os Estados Unidos, onde entrou pelo estado do Texas em setembro de 1973.⁴⁶ Neste país, estabeleceu-se na cidade de Berkeley, então conhecida como um importante polo progressista nos Estados Unidos, exemplificado pelas relevantes lutas estudantis ocorridas na cidade no final dos anos 1960 e pelas lutas sociais que emergiam na chamada Bay Area, região metropolitana da qual a cidade faz parte. Esses movimentos representavam uma renovação no campo das esquerdas, que traziam à tona novas ideias e novos agentes políticos de destaque. Tratava-se do que ficou conhecido como new left, ou “nova esquerda”, constituinte e constituída pelos saldos políticos adquiridos pela esquerda após a impactante década de 1960, que presenciou o nascimento do movimento hippie e da contracultura, mobilizações sociais dentro do bloco socialista – como a Primavera de Praga e a Revolução Cultural Chinesa – e a reestruturação de novos movimentos sociais, como o feminista, o negro e o de libertação homossexual. Referente a esse cenário político, Araujo afirma:

45 Para uma análise teórica sobre exílio e a análise da experiência de Trevisan, ver: GONÇALVES, V. A Formação. In: A resistência do vaga-lume: Vida, ativismo e pensamento político de João Silvério Trevisan. *Dissertação* (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História Social da UFRJ, Rio de Janeiro, 2025.

46 “Como pretexto para esta viagem, ele estava encarregado de produzir uma reportagem para a revista Visão sobre movimentos de esquerda católica na América Latina. Inclusive, foi com um certificado de importância de sua pesquisa, emitido pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), que Trevisan conseguiu entrar nos Estados Unidos” In.: GONÇALVES, V. A resistência do vaga-lume: Vida, ativismo e pensamento político de João Silvério Trevisan. *Dissertação* (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História Social da UFRJ, Rio de Janeiro, 2025, p. 34.

O estudo desses grupos e movimentos alternativos e dissidentes dos anos 1970 coloca em evidência a tentativa de formulação de um novo conceito de política – pautado na crítica (pela esquerda) à experiência marxista, na crítica à ideia da representação, na valorização do aspecto subjetivo da experiência política (valorização do cotidiano, politização das relações pessoais) e na afirmação das experiências particulares de vida. Esses movimentos criticavam a noção de representação política (representação partidária ou sindical), alegando que as formas de representação mais gerais diluíam as especificidades de grupos minoritários. Valorizavam o “falar em nome próprio” de uma condição particular e específica de vida e de opressão. Os movimentos faziam irromper discursos que não apenas falavam de condições específicas de vida e de opressão mas que construíam, a partir dessa especificidade, a noção de uma identidade particular. Exatamente como os movimentos de mulheres, que falavam em nome da especificidade da condição feminina, os demais movimentos lançavam mão de discursos específicos: falava-se “enquanto negro” ou “enquanto homossexual”, sendo posta em questão uma noção de identidade pública e política diferente da do “cidadão” e do “proletário revolucionário”. Esses movimentos encerravam uma noção de sujeito político distinta da ideia do ‘sujeito universal’ presente, de modo geral, tanto no liberalismo quanto no marxismo; fazendo aflorar, na cena política dos anos 1970, identidades fragmentadas que buscavam formas de expressão.⁴⁷

Esses movimentos discutidos pela historiadora impactaram intensamente Trevisan durante sua estadia em Berkeley. Em testemunhos como o oferecido ao Memorial da Resistência de São Paulo e compartilhados em sua autobiografia *Pai, Pai*, Trevisan descreve seu encanto pelos novos conceitos que aprendia e pelas ideias às quais era exposto. Durante sua estadia de um ano e meio no país, seu principal emprego foi como funcionário de um restaurante autogerido, onde os cargos não eram fixos, mas rotativos, em um exercício quase anárquico, para ele. Este restaurante, pelas manhãs, servia refeições a idosos como parte de um programa governamental e, à noite, transformava-se em um bar gay. Referente a essa experiência, distante daquela que vivia no Brasil, ele diz:

Ali acabei participando de um momento histórico muito mais complexo do que supunha a tosca visão de um revolucionário latino-americano, que eu pensava ser. A saída do cercadinho provinciano da esquerda brasileira me permitiu usufruir experiências de vida ousadas (...). Feminismo, direitos homossexuais, lutas antirracistas, consciência ambiental, direitos civis e até mudança de hábitos alimentares, tudo isso fervilhava no caldeirão político e cultural de Berkeley. (...) Compartilhei tantas experiências e absorvi tantos conceitos novos que eu parecia, de fato, ter chegado a um outro planeta. Em toda a cidade respirava-se uma intensa consciência social e política. Havia rádios comunitárias, lojas de

47 ARAUJO, M. P. N. *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2000, p. 18.

produtos naturais, pontos de coleta de material reciclável e serviços públicos vários (...). Por toda parte comentavam-se as ações dos guerrilheiros urbanos então atuantes, além dos Black Panthers, cujo centro de atuação ficava na cidade de Oakland (...). As muitas variedades de radical politics não impediam o convívio entre hippies, pacifistas, socialistas, trotskistas, anarquistas, feministas, ativistas antirracistas, homossexuais militantes ou meros devassos libertários. Todos compartilhavam o mesmo fervente caldeirão da contracultura.⁴⁸

Entre as ideias da chamada *new left* que mais o impactaram estavam o feminismo e as ligadas ao movimento de libertação homossexual. Lá, conheceu o conceito de *gay community* e acompanhou as investidas políticas dos homossexuais que se organizavam. Entre eles, Harvey Milk, que posteriormente se elegeu vereador de San Francisco – cidade próxima a Berkeley – e se tornou um dos primeiros homossexuais assumidos a serem eleitos a um cargo público nos Estados Unidos.

Depois de deixar os Estados Unidos, Trevisan passou um ano no México, onde trabalhou como tradutor. Foi nesse período que a literatura voltou a ocupar um lugar central em sua vida, levando-o a retomar a escrita, atividade que havia deixado de lado desde o tempo de seminário. Durante sua estadia no México, escreveu quase integralmente um livro de contos, sendo um deles premiado. A obra foi finalizada já no Brasil, para onde ele retornou em 31 de dezembro de 1975. Cerca de dois anos após esse retorno, Trevisan iniciou sua atuação como um dos primeiros militantes do movimento homossexual no Brasil, já trazendo consigo toda a bagagem política acumulada até então.

Considerações finais

Ressaltamos, na trajetória pessoal de formação política de João Silvério Trevisan, três momentos de profundo impacto. O primeiro é vivido na infância, período que experienciou uma ruptura forçada com seu meio. Trata-se de um processo subjetivo, comum a muitos homossexuais, especialmente àqueles que cresceram cercados por um ambiente pouco receptivo à sua posição de dissonância aos padrões de gênero. Na autobiografia *Pai, Pai*, Trevisan constrói a narrativa memorialística usando como fio condutor seu pai, um homem que parecia incorporar em si todos os padrões morais machistas da pequena cidade de Ribeirão Bonito da década de 1940. A relação conturbada entre Trevisan e seu pai, explorada no livro, expressa o impacto desse

48 TREVISAN, J. S. *Pai, Pai*. 1. ed. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2017, p. 163.

período em sua vida. Na infância, ele passou a negar o mundo que o cercava, e podemos afirmar que isso foi a base para que Trevisan desenvolvesse, posteriormente, de forma mais madura, um pensamento crítico: a negação, com o tempo, abrirá espaço para o sentimento da necessidade de mudança. Um evento muito expressivo da ruptura e da negação que Trevisan fazia com o seu meio foi descrito em *Pai, Pai*:

Eu teria entre oito e nove anos quando fui convidado a pescar com meus tios e primos, no rio Jacaré-Guaçu (...). Fui agarrado pelo grupo e, sem mais, jogado no meio do rio Jacaré. Eu, que não sabia nadar, me debatia aterrorizado, engolindo água e tentando voltar para a margem. Só descobri o motivo da brincadeira quando entrevi o grupo, na margem, rindo e gritando que era para eu “aprender a ser homem”. (...) Quando consegui me estabilizar para fora da correnteza, assustado e ofegante, o grupo ainda ria da brincadeira divertida com o menino maricas. (...) Mesmo humilhado, dentro de mim cresceu um vagalhão de revolta incontida. Encarei aqueles homens que me escarneciam. Não senti medo, mas algo de repugnância. (...) Como uma chispa de consciência nova, intuí que eu perdera a batalha mas ia vencer a guerra. (...) Então, pela primeira vez, percebi as diferenças e tive certeza: “Sou homem, sim, mas não quero ser igual a vocês”.⁴⁹

O segundo momento de impacto foi os anos que viveu no seminário, onde estudava para se tornar padre. Contrariando a vontade paterna, que via a espiritualidade como algo que “não era de homem”, e apoiado pela mãe religiosa, Trevisan ingressou no seminário aos 10 anos de idade como uma possibilidade de fuga do autoritarismo do pai. O que foi encontrado por ele foi uma Igreja, aos seus olhos, tão autoritária quanto. Regimentar, a instituição católica exigia dos seminaristas uma ordem incontestável. Como já dito, a adolescência expôs Trevisan a seus sentimentos e à sua sexualidade, o que criava dentro de si um conflito com os dogmas do catolicismo, contrários não só à homossexualidade, mas a tudo que pertencesse ao mundano ou carnal, oposto ao divino e espiritual.⁵⁰ Este embate se intensificou à medida que ele envelhecia e, no final da adolescência, concluído o Colegial e prestes a finalizar sua formação como sacerdote, Trevisan abandonou a caminhada para iniciar uma nova trajetória pessoal, rompendo de forma irreversível com a Igreja.

Ainda assim, seu período como seminarista lhe proporcionou muitos momentos felizes, que foram revertidos em saldos positivos para sua formação política. O dia a dia da Igreja, mais afastado dos compromissos pragmáticos e utilitários do “mundo”, era

49 TREVISAN, J. S. *Pai, Pai*. 1. ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017, p. 54-55.

50 As memórias e os relatos do conflito interno vivido enquanto seminarista foram trabalhados por Trevisan em seu romance semiautobiográfico *Em Nome Do Desejo*. Cf. TREVISAN, J. S. *Em Nome Do Desejo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2024.

repleto de arte, cujo proveito era apreciado com prazer pelo sensível Trevisan. É relatado seu encanto pelas músicas clássicas que tocavam no seminário e pelos diversos momentos que ele pôde atuar como agente de promoção artística, escrevendo e recitando poemas, além de organizar um clube de cinema, por exemplo. Eram reflexos de uma instituição que tentava ser mais flexível e se aproximar do mundo secular, como visto pelas reformas vividas no século XX pela Igreja Católica. Trevisan rememora o papel importante de padres jovens, carinhosos e montessorianos em sua formação, colaborando para a construção de um ambiente propício para que ele desenvolvesse a autonomia, instinto de liderança e pensamento crítico, características que se mostraram basilares em seus anos de ativismo.

O terceiro momento, que consideramos decisivo para a formação política de João Silvério Trevisan antes de iniciar sua militância no movimento homossexual, é denso e repleto de etapas. O período se inicia com sua saída para São Paulo e conclui com seu retorno ao Brasil após os três anos de exílio. Sair do seminário e mudar-se para uma grande cidade representava uma reviravolta na vida de um indivíduo cujos horizontes eram até então limitados, seja pela vida provinciana na infância em Ribeirão Bonito ou cercado pelos muros (físicos e espirituais) do seminário. Em São Paulo, Trevisan pôde viver publicamente como homossexual, mantendo suas primeiras relações afetivo-amorosas e frequentando espaços do cada vez mais vivo gueto homossexual⁵¹ paulista. Também manteve contato com diversos ciclos, com quem compartilhou experiências que o lapidaram enquanto pensador e colaboraram para a consolidação de suas visões. Ao conviver com grupos de esquerda, pôde concluir que, para si, as saídas e perspectivas de mundo até então não eram suficientes ou até mesmo equivocadas. Já no meio artístico, construiu uma trajetória curta e impactante no Cinema, veículo que usou para expressar todos os pensamentos que efervesciam em sua mente: críticas às elites intelectuais e artísticas, rechaço à moral cristã e conservadora, promoção de um mundo mais libertário etc.

A censura ao seu filme *Orgia ou o homem que deu cria* foi o estopim para a decisão de sair do Brasil e conhecer o mundo. Os três anos que viveu em diversos países dariam um estudo por si só, sendo impossível neste artigo tratar com a profundidade devida o que as novas culturas conhecidas representavam para um jovem libertário como Trevisan. Entretanto, destaquemos sua passagem pela cidade californiana de Berkeley, local onde permaneceu por mais tempo: um ano e meio. Berkeley era uma cidade progressista, e lá os movimentos feminista, negro e homossexual cresciam de

51 Gueto homossexual, nesse contexto, era um termo utilizado para representar os espaços de convivência e sociabilidade destinados a gays, lésbicas e travestis, como bares, boates e saunas.

forma exponencial com o apoio de parte significativa da comunidade local. Antes de entrar nos Estados Unidos, Trevisan já carregava uma bagagem de estudos e concepções das ideias que lá borbulhavam, razão pela qual, inclusive, a escolheu como destino. Porém, isso não foi impedimento para que aprendesse ainda mais, abraçando grato a oportunidade de desenvolvimento da sua politização.

O que Trevisan vivia era o reflexo de um tempo, de mudanças que, durante a Guerra Fria, ocorriam dentro do país, que era o bastião do bloco capitalista. Na verdade, tratava-se de uma onda libertária, muito bem explicada anteriormente pela historiadora Maria Paula Nascimento Araujo, de um movimento que se espalhou pelo mundo, capitalista e socialista: dos Estados Unidos à França, do Reino Unido à Tchecoslováquia, da China ao Brasil, que, com a abertura política e o retorno de vários exilados, também foi palco dos movimentos sociais que floresciam na Berkeley de Trevisan. Seu papel é central neste período da história do Brasil. Sendo um dos fundadores do jornal *Lampião da Esquina* e do grupo *Somos*, ele fez parte de um grupo pioneiro de homossexuais que, com muita coragem, iniciou um novo capítulo da história LGBTQIA+ brasileira. Pudemos, com este artigo, acessar uma parte de sua vida e esperamos que, com a construção de uma narrativa breve, tenhamos sido capazes de mostrar como um indivíduo pode, em si, conter uma imensidão histórica.